



## **A DESTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS INDÍGENAS PELAS BANDEIRAS PAULISTAS**

Bruno Veras Camillo  
Isabel Messias de Brito  
Kelly Cristina Leder Veloso  
Sthefany Camille Dzindzik  
Victoria Azevedo do Val

A área que se estende entres os rios Paranapanema e Uruguai, atualmente parte do Estado do Paraná, nos séculos XVI e XVII compunha a Província del Guairá, denominação que fazia referência a um importante cacique Guarani.

A ocupação colonial foi iniciada por volta de 1557, pelas margens dos afluentes ao leste do Rio Paraná, prosseguindo nos anos seguintes entre os rios Piquiri e Ivaí.

A partir de 1607, a região passou a ser atacada por sertanistas da capitania de São Vicente, que se organizavam nas chamadas “bandeiras”, expedições formadas por colonos paulistas. Segundo o historiador e antropólogo John Monteiro, essas expedições tinham por objetivo a captura e escravização de populações indígenas, ainda que, para obter recursos da Coroa, alegassem que tinham o intuito de explorar os sertões e buscar metais preciosos.

Depois de atacar as aldeias e capturar os indígenas da região, os sertanistas paulistas – que a partir do século XIX ficariam conhecidos como “bandeirantes” – passaram a atacar as missões, nas quais os jesuítas agrupavam indígenas, em especial os Guarani. Essas missões – também chamadas “reduções”, ficavam distantes dos povoados coloniais, e suas atividades econômicas não eram suficientes para a sobrevivência dos que as compunham. Eram comuns as doenças, a fome e as rivalidades entre grupos indígenas que se hostilizavam. Essas condições contribuíram para as atividades predatórias dos paulistas, que no século XVII, as atacaram, matando, escravizando e forçando à fuga centenas de indígenas.

## REDUÇÕES JESUÍTICAS DO GUAIRÁ



Representação, no atual mapa do Estado do Paraná, da região do Guairá, que nos séculos XVI e XVII era administrada pela Espanha. Estão indicadas as reduções jesuítas que foram atacadas pelos sertanistas paulistas. Fonte: CHAGAS, N.M. e Mota, L. T. O Guairá nos Séculos XVI e XVII – as Relações Interculturais.

[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_nadia\\_moreira\\_chagas.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_nadia_moreira_chagas.pdf) (29/06/2023)

Segundo relatos de dois jesuítas - Maceta e Mansilla – que foram autores de uma denúncia detalhada sobre as atividades paulistas na região, as invasões ocorreram de forma violenta e cruel. A força e a ameaça eram as principais formas de ação dos paulistas, empregadas contra os indígenas que resistiram à perseguição e à captura. Segundo John Monteiro, quando já se encontravam capturados, os indígenas enfermos, velhos, aleijados e as crianças que não conseguissem realizar a caminhada em direção a São Paulo eram mortos. Os jesuítas também relataram mutilação e amputação de membros: “com tanta crueldade que não me parecem ser cristãos, matando as crianças e os velhos que não conseguem caminhar, dando-os de comer a seus cachorros...”, disseram os jesuítas.

Durante o período de 1607 até 1628, os sertanistas paulistas fizeram dezenas de incursões à região do Guairá, entre as quais as comandadas por Sebastião Preto (1612) e

Henrique da Cunha Gago (1623). Antônio Raposo Tavares e Paulo Amaral comandaram a primeira bandeira para a conquista das missões jesuítas na região, chegando a fazer contatos com o governador do Paraguai, com a finalidade de capturar indígenas para o abastecimento da crescente mão-de-obra cativa em São Paulo.

Para os paulistas, os indígenas apresados nas suas aldeias e nas missões representavam a mão-de-obra que trabalharia na produção de alimentos e no transporte de excedentes agrícolas. Uma dessas expedições, realizada em 8 de dezembro de 1628, reuniu cerca de dois mil indígenas e 900 paulistas – portugueses e mestiços – que avançaram pelo vale do rio Ribeira, com destino a Ciudad Real del Guayrá e, transpondo o Rio Tibagi, dizimaram vários aldeamentos.

Até 1632, relatos do padre Antônio Ruiz de Montoya registraram que cerca de 11 missões haviam sido destruídas pelas investidas paulistas, representando um contingente estimado de 33 a 55 mil indígenas escravizados. No caso da Província do Guairá, John Monteiro afirma que das 15 missões instaladas na região, 13 foram completamente destruídas. Após a destruição das missões na região do Guairá, os paulistas voltaram sua atenção para os Guaraní mais ao Sul, passando a atacar as missões de Tape e Uruguai, no atual território do Rio Grande do Sul.



Mapa representando os caminhos dos sertanistas nos vários períodos de atuação em território da América Portuguesa e Espanhola. Fonte: MONTEIRO, John. **Negros da Terra – indígenas e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A região do Guairá foi apenas um dos muitos territórios indígenas que, no período colonial, sofreu a ação destruidora de grupos que, mais tarde, foram olhados como heróis na formação do território brasileiro.

**Caso queira saber mais sobre esse assunto, você pode consultar o material que pesquisamos para elaborar esse texto:**

ALCÂNTARA, Gustavo Kenner et. Al. **Avá-Guarani – a construção de Itaipu e os direitos territoriais**. Brasília: ISMPU, 2019.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2017.

MONTEIRO, John. **Negros da Terra – indígenas e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAGAS, N.M. e Mota, L. T. **O Guairá nos Séculos XVI e XVII – as Relações Interculturais**.

[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_nadia\\_moreira\\_chagas.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_nadia_moreira_chagas.pdf) (29/06/2023).